

DESTAQUES BRASILEIROS NA ABORDAGEM LITERÁRIA DA BÍBLIA

*Anderson de Oliveira Lima**

Resumo:

Olhando para as abordagens literárias da Bíblia no Brasil a partir do mercado editorial, nota-se que a maior parte dos títulos que aqui circulam e que propõem esse tipo de leitura são importados. Sem dúvida os biblistas brasileiros devem conhecer e dar valor àqueles títulos que já se tornaram *clássicos* internacionais nessa área de pesquisas, o que justifica a escolha das primeiras obras publicadas, de críticos literários consagrados como Robert Alter e Northrop Frye. Porém, quase duas décadas depois da publicação dos primeiros títulos no Brasil, julgamos que está na hora de avaliarmos e entrarmos em contato com a produção nacional, com o trabalho de pesquisadores que estão perto de nós e com o modo brasileiro de ler a Bíblia como literatura. Neste trabalho nosso objetivo é mostrar alguns dos mais importantes proponentes da abordagem literária da Bíblia no Brasil, conhecer as principais obras publicadas e, na medida do possível, discutir as peculiaridades dessa produção.

Palavras-Chave: Bíblia como literatura; Leitura; Bíblia no Brasil.

* O autor é doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialista em Bíblia (Lato Sensu) pela Universidade Metodista de São Paulo e bacharel em Música pela Universidade Cruzeiro do Sul. Atualmente elabora pesquisa de Pós-Doutorado em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. <http://lattes.cnpq.br/0893915454622475>.

Abstract:

Looking toward literary approaches of the Bible in Brazil from the editorial market, it might be noticed that the largest parcel of titles available on the country proposing this kind of reading are imported. Without any doubts, brazilian biblicists must know and appreciate those titles which have become international *classics* to this research area; what justify the choice for first publications, and for famous literary critics as Robert Alter and Northrop Frye. However, almost two decades later, from the publication of those first titles in Brazil, we judge to be the time to evaluate and to be in touch with the national production, with works made by researchers that are close to us and with the brazilian way of reading the Bible as a literature. On this work, our objective is to show some of the most important proponents of the literary approach of the Bible in Brazil, know the main published works and, when possible, discuss the peculiarity of the production.

Key-Words: Bible a literature; Reading; Bible in Brazil.

1. A Bíblia como Literatura: Um Panorama Bibliográfico

A partir da década de 1990 os leitores brasileiros foram postos em contato com algumas obras internacionalmente conhecidas que propunham novos paradigmas interpretativos para os textos bíblicos. Essa produção caracteriza uma nova fase na história da leitura bíblica, a que diz ler a Bíblia *como literatura*. A primeira dessas obras foi o *Guia Literário da Bíblia*, organizado pelos críticos literários Robert Alter e Frank Kermode em 1987, foi publicado no Brasil pela editora Unesp em 1997. Em 2004 a editora Boitempo publicou no Brasil *O Código dos Códigos: A Bíblia e a Literatura*, obra do crítico literário canadense Northrop Frye, original de 1982, em que o autor justifica seu empenho alegando que conhecer a literatura bíblica era essencial para a compreensão das produções literárias ocidentais, em especial para a literatura de língua inglesa (2004, p. 10). Depois, em 2007 chegou ao Brasil *A Arte da Narrativa Bíblica* pela Companhia das Letras, obra que é o principal livro do crítico norte-americano Robert Alter, professor de literatura hebraica e comparada que o publicou originalmente em 1981, criando um marco na história da pesquisa bíblica das últimas décadas.

Além desses, foram traduzidas obras de outros críticos literários que tomaram a Bíblia como objeto de análise e colocaram em funcionamento alguns dos instrumentos metodológicos expostos pelos textos teóricos citados. Um desses autores é Harold Bloom, que abordou passagens da Bíblia Hebraica em livros como *Onde Encontrar a Sabedoria?*, publicado no Brasil em 2009 pela editora Objetiva, e *Abaixo as Verdades Sagradas*, cuja edição é de 2012 pela Companhia das Letras. Outro crítico publicado em português é Jack Miles, autor de *Deus, uma Biografia*, também publicado pela Companhia das Letras.¹

Estas são algumas das principais obras estrangeiras que propõem e experimentam a abordagem literária da Bíblia e com as quais os leitores brasileiros foram postos em contato. Da leitura de todas elas extraímos alguns fatores de especial relevância: primeiro, notamos que todos, embora tratem de interpretação bíblica, foram publicados no Brasil por editoras seculares. Neste sentido, tais publicações marcam o início de uma nova fase nos estudos bíblicos nacionais, ajudam a incluir a Bíblia nos

¹ A Companhia das Letras publicou a primeira edição de *Deus, uma Biografia* em 1997. Nossa análise partiu da edição de bolso, de 2009. A editora também publicou, do mesmo autor, *Cristo – uma Crise na Vida de Deus*, em 2002.

currículos dos cursos de literatura e instigam os biblistas a experimentarem novas perspectivas de análise. O segundo fator é que na maioria das obras apresentadas (em especial em *A Arte da Narrativa Bíblica* de Robert Alter, que é a mais influente dentre elas) é possível notar a influência de Erich Auerbach, crítico literário alemão que em 1946 escreveu um ensaio admirável sobre a narratividade bíblica no primeiro capítulo de *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. Assim, notamos que os principais proponentes da abordagem literária da Bíblia, que nós só pudemos ler em português a partir da segunda metade da década de 1990, estavam retomando e desenvolvendo temas que Auerbach esboçou em 1946. É justo, portanto, que identifiquemos na obra de Auerbach a origem dessa nova onda de leituras que atentam como nunca para as características literárias dos textos bíblicos.

Mas a produção bibliográfica da Bíblia como Literatura no Brasil não se resume aos títulos acima apresentados. Temos ainda que considerar a participação de autores que estiveram mais ligados aos estudos bíblicos tradicionais e às instituições religiosas, principais responsáveis pelas práticas de leituras bíblicas ao longo da história. Esses autores viram as propostas de Auerbach, Alter, Frye e outros como alternativas à exegese bíblica tradicional que já praticavam, e desenvolveram outras propostas de análises literárias da Bíblia. A peculiaridade dessas propostas já começa a se evidenciar, como veremos, pelo confessionalismo expresso pelas editoras que os publicaram.

O primeiro título que cabe nessa seleção é o do espanhol José Pedro Tosaus Abadía. A obra foi chamada *A Bíblia como Literatura* e foi publicada no Brasil em 2000 pela editora Vozes. Em resumo, sua proposta é deixar em segundo plano as informações históricas que os textos possam conter, manter-se imparcial diante dos apelos ideológicos dos textos e abordá-los com olhos voltados para questões estéticas (TOSAUS ABADÍA, 2000, p. 123). Em 2000 a editora Loyola publicou outra obra intitulada *A Bíblia como Literatura*, um livro de introdução à Bíblia dos norte-americanos John B. Gabel e Charles B. Wheeler, professores de língua inglesa. E, para trazermos mais um exemplo, citamos *Para Ler as Narrativas Bíblicas: Iniciação à Análise Narrativa*, publicado no Brasil em 2009 pela editora Loyola. O livro se apresenta como um manual metodológico, um guia para a interpretação de textos bíblicos que adota uma linha norte-americana de crítica literária que se tem chamado de *Narratologia*. Os autores são Daniel Marguerat e Yvan Bourquin.

Todas essas obras foram produzidas por autores estrangeiros, e comparando a data de suas edições brasileiras às originais, vemos que essa abordagem literária da Bíblia é um fenômeno da história da leitura bíblica que chegou ao Brasil com certo atraso. O próximo passo que vamos dar é ler alguns títulos de autores nacionais que, influenciados por essas abordagens literárias produzidas no exterior e por seus próprios contatos com Teorias Literárias contemporâneas, estão produzindo títulos importantes sobre a Bíblia como literatura em solo brasileiro. Como sempre, nosso estudo só poderá abordar uma amostragem limitada de livros que tratam da interpretação bíblica desde um viés literário, assumindo de antemão o risco de ter ignorado outros títulos e autores que o leitor talvez procuraria aqui.

2. Alguns Destaques Brasileiros nas Abordagens Literárias da Bíblia

O objetivo deste artigo é, como foi anunciado desde o início, tratar de alguns autores brasileiros que têm desenvolvido pesquisas que leem a Bíblia a partir de uma perspectiva literária contemporânea, o que será feito nas próximas páginas através da leitura mais detalhada de seus livros. Nesta seção, abordaremos os autores e suas obras individualmente, deixando para as considerações finais nossos apontamentos gerais sobre o tipo de leitura bíblica que os tais têm proposto entre nós.

2.1 - Eliana B. Malanga: A Bíblia Hebraica como Obra Aberta

Dentre as obras produzidas por autores nacionais começaremos falando de *A Bíblia Hebraica como Obra Aberta: Uma Proposta Interdisciplinar para uma Semiologia Bíblica*, de Eliana Branco Malanga. O livro nasceu como tese de doutorado, a qual foi defendida em 2002 na Universidade de São Paulo. Em 2005 virou livro e, com o apoio da Fapesp, foi publicado pela Associação Editorial Humanitas, que é uma instituição ligada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo. Nele a autora emprega a semiótica como instrumento de análise e crítica bíblicas, concentrando suas observações sobre a Bíblia Hebraica. Em suma, Malanga procurou aplicar o conceito de “obra aberta” de Umberto Eco para o estudo bíblico, e o resultado é um trabalho valioso do ponto de vista da crítica bíblica no Brasil.

O trabalho de Malanga começa com uma apresentação do conceito de “obra aberta”, ao mesmo tempo em que já procura avaliar a literatura bíblica dentro dos limites desse conceito. Resumindo, “obra aberta” seria toda produção artística que é criada intencionalmente por um emissor com o objetivo de permitir várias (ou ilimitadas) leituras por parte dos destinatários. Logo vemos que a *abertura* da obra, ainda que sua identificação seja de certo modo subjetivo, é encarada por Malanga como a característica distintiva da verdadeira literatura, separando as grandes obras dos muitos textos *fechados* que a cultura humana produziu e produz. Lendo Malanga: “No caso da obra literária, ela é arte quando for aberta, ou seja, quando permitir uma pluralidade ilimitada de leituras, em razão de sua estrutura linguística inovadora” (MALANGA, 2005, p. 24). Empregando outros termos e aprofundando a definição, uma obra é aberta quando, dando preferência à função poética (ou estética) da linguagem, se ocupa de modo especial com as formas ou estruturas dadas ao enunciado que procura transmitir, produzindo um tipo de comunicação incomum, não cotidiana, que inevitavelmente provoca o destinatário a uma recepção mais ativa, ou seja, convidando à interpretação (2005, p. 24-31). Assim, adotando Eco de modo integral, sem fazer críticas, adaptações ou correções, Malanga aplica o conceito de “obra aberta” à Bíblia Hebraica e conclui que essa antiga coleção de textos é, em sua maior parte, uma obra de arte (2005, p. 24-25).

A autora, portanto, exalta o texto bíblico alegando que ele faz um uso especial da linguagem, e ainda procura defender o caráter especial da Bíblia Hebraica com outros argumentos mais tradicionais. Por exemplo, ela alega que a Bíblia é um tipo de literatura que lida de modo especial com temas universais de inesgotável interesse para o ser humano (2005, p. 33), e acrescenta algumas afirmações apaixonadas (e exageradas), tais como: “a Bíblia retrata, mais do que qualquer outra obra, emoções e anseios humanos, e sobretudo, a busca do transcendente” (2005, p. 34).

A proposta de uma semiologia bíblica é evidentemente válida e representa uma tentativa promissora de se abordar o texto bíblico de uma perspectiva literária no Brasil. Mas algumas partes da obra de Eliana Malanga podem decepcionar os leitores que foram ao livro em busca dessa abordagem semiótica. Há seções que parecem demonstrar a busca da autora por conhecimentos de uma erudição bíblica bem tradicional, e ela escolheu aplicar o conceito de *obra aberta* a um objeto

demasiadamente grande (toda a Bíblia Hebraica), o que torna boa parte de suas considerações superficiais.

A partir do capítulo 2 a autora, aparentemente não habituada à crítica literária, opta por uma abordagem historiográfica, procurando usar a história da interpretação bíblica e a diversidade de leituras produzidas como evidências de que a Bíblia é um livro de múltiplas possibilidades interpretativas. Todavia, esse procedimento e os resultados alcançados podem ser questionados: os diversos usos que os leitores fizeram do texto não são provas de sua abertura, mas revelam a autonomia dos leitores a despeito das intencionalidades implícitas ao texto que leem. Sendo mais específicos, no capítulo a autora apresenta de modo rápido a teoria das fontes documentais do Antigo Testamento, esboça uma história de Israel, lida com questões de datação dos livros bíblicos e ainda trata da formação do cânon. Tudo isso é feito apressadamente, em vários momentos apoiando-se em bibliografia limitada e que nem sempre é a mais recomendada. Nota-se certa inaptidão da autora para julgar os autores que emprega, motivo pelo qual ela também não emite juízos próprios sobre as hipóteses que deles adota.

O capítulo seguinte trata do desenvolvimento do discurso monoteísta na Bíblia Hebraica, e a autora volta à semiótica para tratar de Deus como signo linguístico na religiosidade judaica (2005, p. 154-163). Um quarto capítulo aborda a história da interpretação bíblica, resume os métodos e os documentos desenvolvidos pelos rabinos nos primeiros séculos e chega ao cristianismo, que segundo a autora, também aproveitou a abertura dos textos bíblicos para defender suas próprias crenças, desenvolver seus métodos e produzir suas literaturas.

Só no último capítulo Eliana B. Malanga atende nossas expectativas e defende sua hipótese como esperávamos. É quando ela passa à leitura dos textos, falando de passagens importantes de todas as seções da Bíblia Hebraica e apontando algumas características que supostamente tornam tais passagens abertas às múltiplas interpretações. Aí a autora menciona algumas leituras produzidas ao longo da história, aponta possibilidades interpretativas diferentes e emprega comentaristas para demonstrar como lidaram com as incoerências e lacunas das narrativas.

Apesar das críticas feitas, é certo que o livro de Eliana B. Malanga merecia mais atenção na pesquisa bíblica brasileira. Trata-se de uma pesquisa de qualidade, que emprega um instrumental teórico que os pesquisadores brasileiros da Bíblia pouco exploraram. Além disso, a proposta principal do trabalho, que afirma ser natural que a Bíblia seja lida de diferentes modos, não apenas concorda com as teorias literárias atuais como pode ser importante para aqueles que procuram fazer da Bíblia um instrumento de diálogo inter-religioso no cenário multicultural em que estamos vivendo.

2.2 - Júlio Zabatiero: Exegese e Semiótica

O *Manual de Exegese* de Júlio Zabatiero (2007), publicado pela editora Hagnos, chama a atenção por ser uma obra que explicita seu vínculo religioso com maior transparência, como exemplificam palavras como essas: “Compreender as Escrituras e fazer a vontade de Deus em resposta à sua Palavra é mais meritório que qualquer método, e essa meta deveria ser o critério de avaliação de qualquer método exegético” (2007, p. 14). Mas Zabatiero consegue mostrar que essa opção religiosa não obriga o exegeta a ser conservador na aplicação dos métodos interpretativos. A contemporaneidade de seu manual é outro fator de grande relevância, e se evidencia, por exemplo, no modo como o autor lida com a recepção e com a instabilidade dos significados que é inerente a todo processo de comunicação por meio da palavra escrita: “[...] ler é criar um novo texto a partir do antigo, é imaginar uma nova realidade a partir das palavras que nos desafiam. Tudo isso influencia mais a leitura do que o próprio método” (2007, p. 28).

A obra se compromete com um método sêmio-discursivo; emprega a semiótica greimasiana como referencial metodológico, e aplica-a fazendo uso eventual de princípios da “teoria da ação comunicativa” de Jürgen Habermas, tomados para explicar o funcionamento da sociedade a partir da comunicação humana (ZABATIERO, 2007, p. 24-26). Temos no Brasil algumas poucas abordagens literárias da Bíblia que se pautam nessa semiótica de inspiração saussuriana, cujo desenvolvimento mais recente se deve ao trabalho do linguista lituano Algirdas Julien Greimas (1917-1992). Embora ela tenha sido aplicada e ensinada no Brasil por pesquisadores como José Luiz Fiorin (2011) e Diana Luz

Pessoa de Barros (2011), nenhum deles têm dedicado sua experiência à análise de textos bíblicos, o que faz do *Manual de Exegese* de Zabatiero uma obra importante e única.²

Além disso tudo, é especialmente gratificante constatar que a abordagem bíblica de Júlio Zabatiero não se deixa influenciar pelas polêmicas que levaram muitos estudiosos, adeptos das novas abordagens literárias da Bíblia, a se comportarem como rivais dos exegetas mais tradicionais, e vice versa. Com a sensatez de quem já vê a poeira dos agitados anos de transformações baixar, Zabatiero foi capaz de usufruir dos conhecimentos acumulados pelos estudos bíblicos dos últimos séculos indistintamente, dando um exemplo importante para as próximas gerações:

A diversidade literária, social, cultural e religiosa da Bíblia gerou, em meios acadêmicos, amplas e detalhadas pesquisas, e constituiu um campo de estudos composto por várias disciplinas acadêmicas: geografia e arqueologia bíblicas, introdução aos escritos bíblicos, história dos tempos bíblicos, estudo dos idiomas bíblicos, teologia bíblica, exegese e hermenêutica bíblica. As riquezas da pesquisa acadêmica da Bíblia não podem ser desperdiçadas, mesmo quando não seguimos seus métodos, não concordamos com seus resultados ou simplesmente quando nossos interesses na leitura das Escrituras são distintos dos interesses acadêmicos. (2007, p. 20)

A seguir procuraremos apresentar ao leitor, de modo bastante resumido, o método interpretativo proposto por Júlio Zabatiero em seu manual, e isso deve começar pelo conteúdo do capítulo 1, que anuncia a “Análise do plano de expressão”, fase que é tratada como uma etapa preliminar da exegese (2007, p. 33-48). Nela o autor ensina o leitor a delimitar perícopes, a segmentá-las, estruturá-las, avaliar sua coesão, seu ritmo e métrica, além abordar questões de gêneros textuais e sugerir uma pesquisa sobre o que se pode saber sobre a redação e a transmissão do texto escolhido. Assim, nessa etapa preliminar Zabatiero começa a análise literária e apresenta os métodos exegeticos

² Podemos apenas mencionar dois trabalhos de Jairo Postal, produzidos respectivamente em seu mestrado (POSTAL, 2007) e doutorado (POSTAL, 2010), sob orientação de Diana L. P. de Barros, que lidam com textos dos evangelhos a partir do referencial metodológico da semiótica greimasiana. Nós mesmos temos feito alguns experimentos com a semiótica francesa na análise de textos bíblicos, como o leitor poderá constatar, por exemplo, ao ler nosso artigo intitulado *Semiótica Discursiva: Uma Introdução Metodológica para Biblistas* (LIMA, 2012), ou nossa primeira tese doutoral que emprega a semiótica em várias análises de narrativas do Evangelho de Mateus (LIMA, 2014).

tradicionais como recursos para as análises de cunho mais acadêmico e técnico (2007, p. 36).

O capítulo 2 traz o primeiro ciclo da análise, onde se considera a “Dimensão espaço-temporal da ação” (2007, p. 49-62). Parte-se do pressuposto de que “*Pessoas realizando e recebendo ações no tempo e no espaço* são a matéria-prima dos textos e a base para toda a interpretação” (2007, p. 49), por isso, neste ciclo o autor sugere que se faça a identificação dos personagens e de suas ações no texto, assim como dos indicadores de tempo e espaço e estude a organização dada para esses elementos.

O segundo ciclo da análise, dedicado à “Dimensão teológica da ação”, está dividido em três capítulos. O capítulo 3 (2007, p. 63-76) trata das “relações que a perícopes estudada mantém com outros textos e discursos” (2007, p. 63). Noutras palavras, o “foco recairá sobre a análise das *relações intertextuais e interdiscursivas* de um texto” (2007, p. 65), nos diálogos que ele travava no período de sua produção com a sociedade, com a cultura e, claro, com a literatura que circulava naqueles dias. O seguinte (2007, p. 77-90) lida com questões de *estilo*, com os padrões estéticos e argumentativos que eram conhecidos nos sistemas literários dos tempos bíblicos e com as preferências pessoais dos autores (2007, p. 79). O objetivo não é apenas destacar peculiaridades autorais e identificar os gostos dos antigos escritores e leitores, mas demonstrar como o uso de determinados padrões podem servir como instrumentos de convencimento, como recursos retóricos (2007, p. 78). Nesse ponto o autor também é forçado a tratar, ainda que rapidamente, das dificuldades inerentes ao processo de tradução que, ao tentar transferir um texto para outro idioma, também o transporta de uma cultura para outra, e deve considerar o fato de que os padrões estilísticos e argumentativos que funcionavam no diálogo do texto fonte com seus leitores originais talvez não alcance êxito frente a uma nova audiência. (2007, p. 79-80). Isso, como nota o autor, sempre suscita novas discussões sobre os princípios que regem as traduções bíblicas, que oscilam entre a maior correspondência formal e a liberdade criativa em prol dos efeitos de sentido que o texto pode produzir sobre os leitores. O capítulo 5 (2007, p. 91-102) encerra o segundo ciclo propondo uma análise dos *percursos temáticos* dos textos bíblicos a fim de compreender sua mensagem e teologia. Empregando a semiótica greimasiana o autor afirma que “as palavras e sentenças que formam um texto se agrupam, se articulam, ou se encadeiam *sob* uma ideia comum, um

tema que as explique e as mantenha unidas entre si” (2007, p. 92), e a identificação desses temas, das *isotopias* que dão coerência ao texto, exige que saibamos distinguir os elementos *figurativos* que estão na superfície dos *temas* abstratos que eles carregam consigo de modo não tão explícito, mas que são essenciais para a compreensão do conteúdo que um texto quer transmitir.

Um terceiro ciclo de análise é apresentado por Zabatiero nos próximos dois capítulos. O objetivo agora é considerar a “Dimensão sociocultural da ação”, para que se reconheça o valor das ações narradas dentro de seu arcabouço sociocultural original, evitando assim os anacronismos comuns às leituras de textos da antiguidade (2007, p. 103-104). E o autor começa o ciclo pelo estudo da *narratividade* no capítulo 6 (2007, p. 103-116), definindo-a assim: “a narratividade é uma dimensão de todo e qualquer texto, responsável pelas transformações dos sujeitos e pela busca de valores e da produção de sentido social” (2007, p. 105). Trata-se de uma análise das ações praticadas, dos papéis exercidos pelos personagens e dos motivos que os fazem agir; todavia, a semiótica adotada é bastante detalhista e excede as análises tradicionais dos enredos narrativos. O estudo, neste caso, se baseia num *percurso narrativo canônico* que sempre se divide em três momentos: tudo começa com um momento de destinação, quando o sujeito (o protagonista) é levado a fazer algo; aí se estabelece um contrato que o leva à ação, que é a busca por determinado objeto. A história segue ao segundo momento do percurso, que é o da ação, que narrará as aventuras do sujeito, a aquisição das competências necessárias, até que ele tenha conquistado (ou não) o valor que buscava. No final, há um momento de sanção, onde o sujeito é avaliado, julgado a partir de suas ações e do contrato originalmente firmado; ele poderá ser recompensado ou punido, reconhecido ou desmascarado (ZABATIERO, 2007, p. 106-107; BARROS, 2011, p. 20-41).

O capítulo 7, encerrando o terceiro ciclo, lida com a *interdiscursividade* e quer ampliar os horizontes da exegese, quer demonstrar a importância de situar corretamente certas ideias que os textos bíblicos nos apresentam em seus próprios mundos, e isso para proporcionar a elaboração de uma *crítica social* bem fundamentada (2007, p. 117-130).

Um quarto ciclo de análise é apresentado por Júlio Zabatiero no capítulo 8. Este ciclo foi denominado de “Dimensão psicossocial da ação” e avalia, classifica e hierarquiza o que os semioticistas chamam de *paixões*, os estados-de-alma dos

personagens (2007, p. 131-144). O autor tem o cuidado de prevenir seus leitores de que não quer descambar a *psicologismos*; ele escreveu: “a análise se ocupará [...] de interpretar os efeitos de sentido passionais decorrentes das formas, como as relações entre o sujeito e os objetos-valor são apresentadas no texto, bem como as relações entre diferentes sujeitos no texto em sua busca comum por objetos-valor” (2007, p. 132). E o último capítulo do livro finalmente traz o quinto ciclo de análise, denominado “Dimensão missional da ação” (145-159). Tornando a exegese mais relevante para o leitor cristão, Zabatiero se ocupa da *atualização* ou *aplicação* do texto ao contexto do leitor, o que em suma exige que se faça uma síntese dos resultados obtidos nos ciclos anteriores e que se identifique similaridades discursivas nos mundos do texto e do leitor, para que o texto possa ser *reescrito* a fim de falar direto às necessidades atuais (2007, p. 150).

Para finalizar, devemos reconhecer que a obra é original, atual, e que merecia mais atenção por parte dos estudiosos da Bíblia no Brasil. Porém, apesar dos evidentes cuidados com o didatismo, o livro ainda é breve demais para quem está se iniciando na semiótica greimasiana. Embora esta escola francesa ofereça uma metodologia de análise textual mais abrangente que qualquer outra, ela se caracteriza pela linguagem técnica que intimida os não iniciados. Com isso, mesmo exegetas experimentados podem ter dificuldades e depois desinteresse pelo bom manual de Júlio Zabatiero.

2.3 - Júlio Zabatiero e João Leonel: Bíblia, Literatura e Linguagem

A última obra de que trataremos é de dois autores brasileiros e ganhou sua primeira edição em 2011, pela editora católica Paulus. *Bíblia, Literatura e Linguagem* é um bom exemplo de que no Brasil já há certo número de estudiosos que seguem os passos dos norte-americanos e europeus ao aplicar metodologias mais novas e de origens diversas às análises da Bíblia. Para começar nossa rápida análise, falemos dos autores: a capa apresenta primeiro o nome de Júlio Paulo Tavares Zabatiero e, no final do livro, um paratexto o apresenta como doutor em Teologia. A consulta ao currículo do autor mostra que, de fato, Zabatiero tem graduação, mestrado e doutorado em Teologia, todos cursados na Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo. A produção intelectual de Júlio Zabatiero mostra sua vinculação com os usos religiosos dos textos bíblicos, mas, como o *Manual de Exegese* (ZABATIERO, p. 2007) visto anteriormente

já o demonstrou, ele se enquadra entre os brasileiros mais atuantes no que diz respeito às abordagens literárias da Bíblia nesta geração. O outro autor do livro é João Leonel, que possui graduação em Letras e Teologia, mestrado em Ciências da Religião, doutorado em Teoria e História Literária e pós-doutorado em História da Leitura. Essa trajetória acadêmica logo nos faz suspeitar que o autor deve possuir as competências para lidar tanto com os métodos tradicionais de leitura de textos sagrados, como com as novas técnicas desenvolvidas pela Teoria Literária contemporânea. Deveras, Leonel tem se destacado no cenário dos estudos bíblicos no Brasil por ter posto tais aptidões em prática em diferentes obras.

Também é digno de nota que os dois autores publicaram, junto com Paulo Augusto de Souza Nogueira, um livro chamado *A Bíblia sob Três Olhares* (2011). A editora (Fonte Editorial) também é especializada em textos que tratam de temas ligados aos estudos da religião, e a obra traz resultados de análises bíblicas que os autores produziram conjuntamente para um blog de mesmo nome, que recebeu muitas contribuições dos autores e dos leitores entre os anos de 2010 e 2013. Na página do blog lê-se a seguinte apresentação:

Este blog pretende ler a Bíblia a partir de três olhares: semiótico, literário, e da recepção. Com isso, busca-se o exercício da leitura plural das Escrituras, entendendo que a compreensão da Bíblia não se esgota em uma abordagem individual e nem mediante uma única metodologia.³

Neste projeto conjunto é fácil identificar que João Leonel é o proponente da abordagem pelo viés da Teoria Literária, e que Júlio Zabatiero é o responsável pelo olhar semiótico. Conclui-se que, juntos em suas produções acadêmicas dos últimos anos, os autores têm mostrado que no Brasil está se formando uma nova tradição de leitura bíblica, um *sistema literário* formado por pesquisadores que demonstram, no mínimo, que os métodos mais antigos de interpretação precisam ser renovados. A busca por metodologias diversas indica um caminho interdisciplinar frutífero que se forma pelo trabalho simultâneo de diferentes especialistas, os quais também não parecem preocupados com a elaboração de uma nova coleção metodológica fixa, como se deu com os métodos histórico-críticos.

³ Acesso em 23 de Outubro de 2014: < <http://bibliasobtresolhares.blogspot.com.br/>>.

Abrindo os comentários de *Bíblia, Literatura e Linguagem*, começamos falando da *Apresentação* (2011, p. 5-10), convenientemente escrita por uma pesquisadora não ligada diretamente à área dos estudos bíblicos. A autora é Diana Luz Pessoa de Barros, professora aposentada do curso de Linguística da Universidade de São Paulo (USP) e professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), pesquisadora que conta com grande experiência na área de semiótica greimasiana.

Dando destaque a alguns dos pontos mais interessantes observados por Barros, temos primeiro sua descrição do objetivo do livro: “O livro toma a direção clara de procurar dar tratamento literário e discursivo aos textos religiosos e, em especial, à Bíblia, e de tornar esse tipo de abordagem uma realidade no contexto brasileiro” (2011, p. 5). Trata-se, portanto, de uma obra que se aproxima das outras que lemos neste capítulo, mas com a particularidade de se dirigir especificamente ao cenário nacional, onde esta forma de ler ainda é incipiente. Em segundo lugar, falando dos autores e suas trajetórias acadêmicas ela também notou que ambos seguiram um caminho similar, “[...] dos estudos teológicos da Bíblia, sua área de formação inicial, para o exame do discurso religioso na perspectiva dos estudos da linguagem, campo de suas formações pós-graduadas” (2011, p. 5). E em terceiro lugar, depois de uma rápida descrição dos conteúdos dos capítulos, Diana L. P. de Barros encerra sua *Apresentação* apontando o público para o qual a obra se dirige: “[...] o livro *Bíblia, literatura e linguagem* se dirige tanto aos estudiosos de teologia e ciências da religião quanto àqueles que se dedicam aos estudos literários, linguísticos e discursivos (2011, p. 9). Têm-se, enfim, uma obra que pretende incentivar a atualização dos leitores religiosos, dos teólogos, dos cientistas da religião, mas que também tenta ampliar o interesse dos críticos que estão desvinculados das tradições religiosas de leitura bíblica, ou seja, dos “estudos literários, linguísticos e discursivos”.

Temos ainda uma *Introdução* (2011, p. 11-16), escrita pelos próprios autores, que fornece aos leitores uma importante informação relativa à estrutura da obra. Eles dizem que os capítulos nasceram de forma independente, que foram divulgados antes sob a forma de palestras e artigos acadêmicos (2011, p. 11). A seguir os autores falam da crítica de orientação história e filológica que caracteriza as abordagens tradicionais da Bíblia, afirmam o esgotamento do “paradigma histórico de interpretação”, cujos

efeitos não se limitam ao campo dos estudos bíblicos (2011, p. 12-13), e apontam para o estabelecimento de uma “inútil polêmica” que se estabeleceu entre os proponentes das abordagens históricas e literárias que só resultou em atrasos para o desenvolvimento dos novos instrumentos metodológicos (2011, p. 13-14). Todavia, segundo os autores, esse período está se encerrando e permitindo que as contribuições de ambas as escolas trabalhem juntas, pelo que eles entendem que estamos vivendo “[...] em um período de transição paradigmática. Ainda não se cristalizou um novo paradigma de pesquisa bíblica, embora sejam claros os sinais de que o mesmo está em construção” (2011, p. 14). Para Leonel e Zabatiero, o imperativo do momento atual dos estudos bíblicos seria este: “Mover-se adiante, ir além, ultrapassar. Sem, entretanto, esquecer. Sem abandonar a nossa própria tradição acadêmica de pesquisa bíblica. Inovar sem dogmatizar” (2011, p. 15). Enfim, os autores propõem um caminho conciliatório, que talvez traga uma amenização na ênfase dada à necessidade de abandonar a história como referencial metodológico e indique que os estudos bíblicos, mesmo os literários, ainda continuarão sob o controle dos especialistas, dos biblistas, que afinal de contas estarão mais preparados para essas leituras multidisciplinares que os críticos literários que empreendem análises bíblicas eventuais. Estejam ou não corretos em sua análise do momento atual da história da leitura bíblica, o fato é que o olhar mais amplo de João Leonel e Júlio Zabatiero sobre a história da leitura, e a consciência que têm sobre seu papel no desenrolar dessa história no âmbito brasileiro, são pontos favoráveis em sua obra e, provavelmente, em suas produções de modo geral.

Em termos estruturais, é fácil notar que o livro se divide em duas partes. A primeira traz cinco capítulos de João Leonel; a segunda mais cinco, de Júlio Zabatiero. Passaremos rápido pelos conteúdos dos capítulos dando destaque apenas a alguns, mais teóricos e abrangentes. O primeiro capítulo é um desses, e é chamado “Estudos Literários Aplicados à Bíblia: Dificuldades e Contribuições para a Construção de uma Relação”.⁴ Nele João Leonel apresenta um dos problemas mais notados pelos proponentes de abordagens literárias da Bíblia; ele diz que a Bíblia é reconhecida como uma obra importante dentro da literatura lida no Ocidente, mas que apesar disso, “não tem recebido, salvo poucas exceções, o tratamento ‘literário’ a que tem direito” (2011,

⁴ O autor menciona em nota que o texto foi originalmente publicado como artigo no periódico *Revista Theos*, em 2006.

p. 19). O capítulo pretende discutir as razões pelas quais tal negligência no tratamento literário da Bíblia se instalou, propondo caminhos para que seu status literário seja reconhecido no Brasil.

Para entender o quadro atual Leonel propõe uma rápida incursão na história da leitura bíblica. Ele escreveu primeiro sobre as abordagens religiosas, que se pautam na ideia de que o texto é inspirado por Deus, fonte de orientação pessoal, e que possui um caráter atemporal que permite o leitor religioso desvincular o texto de seu tempo e espaço originais (2011, p. 20). Esses paradigmas, embora se sustentem pela tradição religiosa, foram respeitados pelos críticos seculares até recentemente, sendo um dos motivos pelos quais a literariedade dos livros bíblicos foi negligenciada. Ou seja, o modo religioso de ler a Bíblia mediou não somente a leitura litúrgica ou devocional, mas também a leitura acadêmica ou literária (2011, p. 21). O caminho que João Leonel propõe para pôr fim a tal negligência não é o abandono das convicções religiosas, mas a atualização de alguns desses paradigmas tradicionais, o que se faz pela adoção de asserções que a crítica literária secular defende. Por exemplo, ele escreve que é preciso reconhecer que a Bíblia é, como qualquer literatura, uma criação humana que se caracteriza pela *mimesis* (imitação e representação da realidade) e pela *poiesis* (criação e transformação da realidade), e que os leitores, sejam eles religiosos ou não, devem respeitar o fato literário que aproxima a Bíblia de todas as outras obras já escritas (2011, p. 21-23).

João Leonel também acusa a crítica moderna da Bíblia de ser uma responsável pela desconsideração desses elementos literários. A tradição exegética evidenciou o caráter fragmentário dos textos bíblicos, revelou sua autoria quase sempre coletiva e questionou alguns estranhos critérios redacionais que supostamente envolveram a criação desses textos. Desse ponto de vista a Bíblia foi considerada como uma literatura menor, baixa literatura, e a Crítica Literária, que se ocupa essencialmente de questões estéticas, teria motivos para ignorar tais textos (2011, p. 23-28). Fato é que a partir da segunda metade do século XX notou-se uma reação a esse ceticismo que impedia as abordagens literárias da Bíblia. Críticos diversos, quase sempre de países de língua inglesa, passaram a tratar dos elementos estéticos dos textos bíblicos e inauguraram uma nova onda de leituras que, por sua vez, começaria negando tanto a abordagem religiosa quanto a histórica (2011, p. 28-32). João Leonel menciona alguns importantes autores e

obras desse período e destaca que há entre eles um consenso ao apontar o livro *Mimesis*, do crítico alemão Erich Auerbach (original de 1946) como o marco inicial dessa nova fase da história da leitura bíblica. O próprio Leonel não deixa de prestar sua homenagem a Auerbach no final do capítulo através de uma longa citação (2011, p. 33-37).

Por fim, o autor considera a tradição literária brasileira e menciona uma dificuldade a mais. Segundo ele, diferente do que ocorre nos países de língua inglesa cuja tradição religiosa é predominantemente protestante, o leitor brasileiro não reconhece a Bíblia como parte de sua cultura literária, não entende espontaneamente o valor dela para a nossa formação. Por conta disso João Leonel supõe que no Brasil o trabalho de ler a Bíblia como literatura caberá primeiramente aos biblistas, que precisaram demonstrar o valor estético dos livros e a importância das narrativas para a cultura ocidental, num longo trabalho que poderá formar um público que leia a Bíblia como literatura (2011, p. 32-33).

Os dois capítulos seguintes são adaptações de duas partes da tese de doutorado que João Leonel defendeu em 2006 na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (FERREIRA, 2006, p. 110-178, 198-229). Passando rapidamente por eles, basta dizer que oferecem o tratamento literário de duas questões bastante específicas ligadas ao Evangelho de Mateus. O capítulo 2 trata do gênero literário do evangelho (2011, p. 41-73) e, basicamente, propõe que se leia Mateus a partir dos paradigmas que caracterizam a biografia Greco-romana. O olhar literário, a experiência do crítico que em sua função não faz distinção entre a Bíblia e outras obras literárias da antiguidade, neste caso, permite que o autor rompa com a ideia tradicional de que o evangelho é, como gênero, uma criação dos cristãos primitivos que não encontra paralelos em nenhuma outra literatura. O terceiro capítulo lida com as características do narrador do Evangelho de Mateus (2011, p. 75-104), tema que foi central em sua pesquisa de doutorado. O autor procurou demonstrar como em Mateus a participação da voz narrativa é reduzida propositalmente em relação ao que vemos no Evangelho de Marcos, que foi a principal fonte empregada para a composição de Mateus. Para Leonel, essa diminuição da participação da voz narrativa seria uma estratégia literária que tem por objetivo dar um destaque especial ao protagonista, que é o próprio Jesus Cristo.

Queremos ainda dedicar algumas linhas ao capítulo 4, *A Bíblia como Literatura: Lendo as Narrativas Bíblicas* (2011, p. 105-125). Este é, como o primeiro, um capítulo mais teórico em que o autor (João Leonel) lida com a abordagem literária da Bíblia no Brasil em busca de definições gerais. Ele menciona os principais livros publicados Brasil que propõem essa abordagem literária da Bíblia, e distingue dois grupos formados pelos proponentes dessas práticas de leitura: um que é formado por “[...] teólogos e biblistas que utilizam a teoria literária [...]”, e outro composto por “[...] críticos e teóricos literários que fazem incursões pela literatura bíblica utilizando seus instrumentos de análise” (2011, p. 105). Depois, Leonel discute o que é *literatura*, reconhecendo que “[...] tem havido a tendência, cada vez maior, de derrubar divisórias, em uma perspectiva pragmática, considerando que o próprio cânon é estabelecido acima de tudo pela sociedade” (2011, p. 110-111). O autor afirma que a literatura se caracteriza por uma relação própria com a realidade que se explica através dos conceitos de *mimesis* e *poiesis*, extraídos de Aristóteles; mas também por seu uso especial (estético) da linguagem e por seu efeito potencialmente *desfamiliarizador* (2011, p. 111-112). Tais elementos caracterizantes não são absolutos; identificá-los nalguma obra literária sempre envolve certo grau de subjetividade. Todavia, o que importa nesse momento é entender que para João Leonel estas são algumas das características literárias que ele reconhece nos livros bíblicos, e é por esse olhar que ele propõe a análise literária da Bíblia. Na segunda parte do capítulo o autor se dedica à análise narrativa, enumerando seus elementos constitutivos e assim estabelecendo os fundamentos de um método de análise das narrativas bíblicas (2011, p. 112-123). Os elementos apontados são *narrador*, *tempo*, *cenário*, *personagens* e *enredo*, e a proposta metodológica é colocada em funcionamento no capítulo 5, que traz um exercício de análise sobre 1Samuel 1.10-28.⁵

A segunda parte do livro, escrita por Júlio Zabatiero, começa com um capítulo teórico importante, intitulado *Enunciação e Interpretação: Novos Rumos na Exegese Bíblica* (2011, p. 149-162). Nota-se desde o início que o autor dedica seu texto a estudiosos iniciados na exegese bíblica que, supostamente, se beneficiarão com o

⁵ Aqui não abordamos com mais detalhes essa seção analítica porque no capítulo seguinte dedicaremos um bom espaço ao estudo de outra análise bíblica empreendida pelo mesmo autor em *Mateus, o Evangelho* (2013).

contato com alguns dos mais relevantes conceitos defendidos desde a “virada linguística” do século XX. O próprio autor não esconde sua profissão ao dizer: “[...] nós, exegetas, não podemos ficar alheios à demanda de construir novas formas de compreender e praticar a nossa atividade específica” (2011, p. 160).

O capítulo começa com uma pequena introdução historiográfica que afirma que os métodos históricos dominaram a interpretação bíblica nos últimos séculos, e que, de certo modo, ainda a dominam (2011, p. 149). Porém, depois diz que nas últimas décadas o diálogo entre biblistas e as “ciências linguísticas (linguística, pragmática, semiótica, análises do discurso, novas críticas literárias) têm crescido significativamente” (2011, p. 150). Até aqui, trata-se de mais um trabalho que constata a importância do atual momento na história da leitura bíblica; mas na sequência o autor reduz seu campo de estudos ao anunciar que pretende contribuir com este diálogo entre biblistas e linguistas através de sua análise do “conceito sêmio-discursivo de enunciação” e de seu potencial para a interpretação bíblica (2011, p. 150), o que o autor faz através de exposições resumidas de alguns importantes conceitos desenvolvidos e expostos por Émile Benveniste (1902-1976) e Mikhail Bakhtin (1895-1975), que são duas das mais importantes referências do século XX para os estudos da linguagem, seguidas de uma breve consideração sobre as implicações que tais conceitos trazem para a exegese bíblica.

Em resumo, Zabatiero expõe as seguintes ideias (2011, p. 150-157): 1) primeiro ele apresenta a *enunciação* como um ato individual de utilização da língua e, como tal, ela pode ser entendida como uma mediação entre a realidade empírica apreendida pelo enunciador e seu enunciado, que é a criação ficcional, verbal neste caso, e particular, que no final do processo criativo chamamos de texto. 2) Ele também apresenta a reconceituação do *sujeito* que se deu nos estudos literários no século XX, esclarecendo que um enunciado é sempre um ato comunicativo que possui “concepção dialógica”, tendo um *eu* e um *tu*, ou seja, um *enunciador* que comunica e um *destinatário* (individual ou coletivo, real ou imaginário) para quem o enunciado é produzido. 3) Ainda sobre essas duas instâncias, Zabatiero enfatiza que no discurso elas estão representadas de modo ficcional, implícito, mas que 4) o discurso é fortemente marcado pela situação social em que se origina, sendo sempre um pequeno recorte de uma “corrente de comunicação verbal ininterrupta” que é a expressão multiforme dos grupos

sociais e culturas que a produzem. 5) Por fim, o intérprete, quando busca compreender um discurso alheio, está também criando sentido, produzindo um outro texto, uma *contrapalavra*, e não apenas extraíndo significados, como acreditavam os proponentes da exegese bíblica tradicional, que se colocaram na busca pelo sentido original das Escrituras.

O outro capítulo teórico de autoria de Júlio Zabatiero foi chamado de *Recepção do Ponto de Vista da Semiótica Greimasiana* (2011, p. 163-174). Após demonstrar experiência nos estudos da recepção apresentando diferentes modelos metodológicos e importantes pesquisadores da área (2011, p. 163-164), o autor ressalta, dentre outras coisas, que a recepção nunca é passiva, mas “sempre ocorre como uma ultrapassagem do texto” (2011, p. 166). Nisso ele mantém a preocupação de opor tal perspectiva teórico/literária à tradição exegética, “na qual o objetivo da interpretação é extrair o sentido que está latente, preso no texto e em sua relação com o contexto (referente)” (2011, p. 167).

Nas páginas seguintes Zabatiero introduz o leitor a um conceito importante na semiótica francesa falando do “contrato de veridicção” e das dimensões *contratual* e *polêmica* que, na sequência, o autor aplica na compreensão de diferentes tipos de recepção empírica do texto bíblico (fundamentalista, racionalista, exegético e metainterpretativo) (2011, p. 168-170). O tema causa interesse, mas a brevidade com que é tratado demonstra seu caráter meramente introdutório. Por fim, Júlio Zabatiero discute questões de intertextualidade e interdiscursividade, não os empregando na análise da composição dos textos bíblicos, como se faz com mais frequência, mas na sua recepção, que também é entendida como um ato criativo na medida em que faz o texto lido (que já é intrinsecamente dialógico) dialogar com outros em textos e discursos de modo sempre novo (2011, p. 171-173).

A obra de Júlio Zabatiero e João Leonel é, portanto, um impulso contemporâneo para que os leitores da Bíblia no Brasil ampliem seu repertório interpretativo e, mais do que isso, uma evidência de que a abordagem literária da Bíblia já conta por aqui com bons representantes e com uma produção intelectual crescente.

Considerações Finais

Após a leitura das obras julgamos ter condições de apresentar, para fechar o artigo, alguns apontamentos que pretendem destacar as peculiaridades da produção nacional desta área dos estudos bíblicos e literários. Ao ler nossos apontamentos, não estará enganado o leitor que julgar necessário confrontar nossos juízos com o exame de outros livros e artigos brasileiros. E o que nos parece mais relevante a ser destacado de modo geral é a contemporaneidade das obras brasileiras em termos teóricos.

Um primeiro ponto é que as obras importadas chegaram ao mercado editorial brasileiro com considerável atraso, enquanto que os títulos brasileiros, produzidos a menos tempo, parecem estar fora do embate inicial que se estabeleceu entre os proponentes da abordagem literária da Bíblia e outros leitores, o que lhes ofereceu melhores condições de assimilar a pluralidade de abordagens bíblicas existentes e superar as primeiras limitações.

Nos trabalhos dos pesquisadores norte-americanos e europeus é comum os vermos defendendo a legitimidade da abordagem literária da Bíblia com argumentos cuja importância está ligada ao momento histórico em que os livros foram originalmente publicados. Aos críticos literários, que raramente incluíam a Bíblia entre seus objetos de análise e precisavam ser convencidos de que tal abordagem tinha seus méritos, os proponentes da abordagem literária da Bíblia demonstravam a relevância do conhecimento bíblico para a compreensão de toda a literatura ocidental. Eles também procuravam desfazer as ideias de que a Bíblia era um livro menor do ponto de vista estético, dizendo que não é correto julgar os textos bíblicos a partir dos critérios avaliativos modernos, desenvolvidos no estudo de obras bem mais recentes. Aos leitores religiosos, que podiam resistir às abordagens literárias da Bíblia por conta de seu caráter secular que supostamente dessacralizava os textos bíblicos, aqueles estudiosos diziam que suas análises na verdade iluminavam a compreensão dos textos, o que poderia servir também às interpretações com finalidades litúrgicas. Frente aos exegetas, cujos métodos haviam sido domesticados pelas religiões e apresentavam evidentes sinais de superação, os primeiros proponentes da abordagem literária da Bíblia se viam forçados a demonstrar quão antiquados eram os paradigmas historicistas sobre os quais foram

construídos os Métodos Histórico-Críticos. Nenhum desses temas é tão relevante na produção brasileira.

Outro ponto importante é que os livros dos autores brasileiros, em comparação com as obras importadas que temos no Brasil, costumam dar mais atenção às questões de recepção e materialidade, tópicos que se tornaram imprescindíveis para os estudos literários contemporâneos e que ainda proporcionam muitos caminhos inéditos para os estudos bíblicos. Neste aspecto, os livros brasileiros superam os demais e colocam seus leitores diante de um quadro mais atual das teorias literárias.

Em terceiro lugar, as semióticas estão mais presentes nos títulos brasileiros que nas obras importadas, o que mostra que as abordagens literárias autóctones não são completamente dependentes daqueles autores internacionais, que foram escolhidos pelas editoras para introduzir a abordagem literária da Bíblia no Brasil. Talvez possamos dizer que a produção brasileira segue um caminho próprio, e que a influência das obras importadas não foi tão decisiva entre nossos eruditos quanto esperavam seus editores.

Por fim, um ponto negativo que precisa ser mencionado é que a maior parte da produção nacional ainda tem circulação limitada, dependendo de editoras religiosas. Com isso, ela contribui pouco para a criação de uma cultura bíblica secular, capaz de tornar a Bíblia um livro de interesse de leitores não religiosos e alvo de estudos literários nas Universidades brasileiras em geral.

Referências Bibliográficas

AUERBACH, Erich. *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ALTER, Robert. *A Arte da Narrativa Bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ALTER, Robert; KERMODE, Frank (orgs.). *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 2011.

BLOOM, Harold. *Abaixo as Verdades Sagradas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Onde Encontrar a Sabedoria?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

FRYE, Northrop. *O Código dos Códigos: A Bíblia e a Literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.

GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. *A Bíblia como Literatura*. São Paulo: Loyola, 2003.

LIMA, Anderson de Oliveira. *Reações Literárias à Cultura de Reciprocidade do Antigo Mundo Mediterrâneo: Uma Leitura da Linguagem Econômica do Evangelho de Mateus*. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo (Tese de Doutorado), 2014.

_____. Semiótica Discursiva: Uma Introdução Metodológica para Biblistas. *Revista Âncora*, vol. VIII, ano 7, p. 1-21, 2012.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para Ler as Narrativas Bíblicas: Iniciação à Análise Narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.

MILES, Jack. *Deus, uma Biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

POSTAL, Jairo. *Parábolas e Paixões*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie (Dissertação de Mestrado), 2007.

_____. *Uma Imagem Caleidoscópica de Jesus: O Éthos de Cristo Depreendido dos Evangelhos Canônicos*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie (Tese de Doutorado), 2010.

TOSAUS ABADÍA, José Pedro. *A Bíblia como Literatura*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZABATIERO, Júlio. *Manual de Exegese*. São Paulo: Hagnos, 2007.

ZABATIERO, Júlio; LEONEL, João. *Bíblia, Literatura e Linguagem*. São Paulo: Paulus, 2011.